



RESENHA

HIEROCLES THE STOIC. *ELEMENTS OF ETHICS, FRAGMENTS, AND EXCERPTS*, EDIÇÃO 28 BILÍNGUE DA SÉRIE: *WRITINGS FROM THE GRECO-ROMAN WORLD*, SOCIETY OF BIBLICAL LITERATURE: ATLANTA, 2009. DE ILARIA RAMELLI, TRADUZIDO POR DAVID KONSTAN.

Valter Duarte Júnior
Graduando em Filosofia
Bolsista PIBIC - Viva Vox- DFL- UFS

Trata-se de uma edição bilíngue (inglês-grego), contendo uma tradução, introdução e comentário, feita por Ramelli, dos trabalhos sobreviventes de Hieroclés, filósofo estoico da primeira metade do século II. Ilaria L.E. Ramelli é professora de História do Oriente Próximo Romano e assistente da disciplina História da Filosofia Antiga na Universidade Católica do Sagrado Coração, em Milão, desde 2003 e é também consultora científica e membro das mesas diretiva e científica de jornais e séries acadêmicas e diretora de inúmeros projetos internacionais.

O prefácio do livro em questão nos dá noções gerais acerca do foco sobre o qual esse estoico se debruçou, explicitando cada ponto de sua doutrina e citando os autores que tornaram possível o reconhecimento do estoicismo a partir desse filósofo estoico. A seguir, temos a apresentação da tradução das duas obras desse autor: *Elementos de ética* e *Sobre os atos apropriados*, traduções seguidas de comentários sobre cada conceito-chave e suas implicações.

Hieroclés foi frequentemente confundido com um filósofo neoplatônico alexandrino de mesmo nome. A distinção entre ambos só ocorreu, esclarece Rameli, graças à descoberta de um papiro (originado provavelmente de Hermópolis, Egito) contendo o tratado “Elementos de Ética”, o que possibilitou fazer um paralelo desse texto com os outros atribuídos a Hieroclés.

Um dos autores de relevância nesse estudo é Von Arnin, que editou o papiro, traduzido por Bastianini, produzindo também uma cronografia sobre o estoico, demonstrando, sobre bases estilísticas e estruturais, que o Hieroclés dos textos de Estobeu e dos *Discursos* de Musônio Rufo era o mesmo do papiro e distinto do muito posterior alexandrino neoplatonista.

Apresentado o contexto de interesse sobre o qual o presente livro foi publicado, iniciamos de fato a análise de um dos textos de Hieroclés, a saber, os *Elementos de Ética*. Como o nome sugere, a preocupação de Hieroclés foi dirigida para a ética, cujo princípio básico é a *oikeíōsis* (familiarização, apropriação), doutrina muito importante na construção do tratado, por ser algo básico em sua teoria. A *oikeíōsis* é definida como “a primeira coisa que é própria ou familiar a alguém” (I. 30-37) Hieroclés julga que, para entender exatamente o que o conceito significa, faz-se necessário considerar o que é o início da vida de cada animal. Todo animal após o nascimento tem a percepção de si mesmo (*oikeioutai eautōi*) e, a partir dela, percebe suas partes individuais. Nelas reconhece seus meios de defesa individuais, suas fraquezas e forças e as ameaças impostas pelas habilidades de outros animais. A interação corpo e mente ocorre de maneira tal que essa autopercepção ocorre mesmo quando ele está dormindo, já que, mesmo durante o sono, cuidamos de não magoar feridas no corpo e protegemos as partes expostas ao frio.

Por meio de um argumento silogístico nos é demonstrado que a autopercepção precede a percepção de qualquer coisa:

Premissa maior: toda faculdade básica começa consigo mesma;
Premissa menor: a percepção (*aísthesis*) é uma faculdade básica;
Conclusão: logo, antes de perceber qualquer coisa, a percepção deve envolver a percepção de si mesma. (VI. 20ss)

Adiciona-se a isso, como evidencia da *oikeíōsis*, o fato de que toda criatura viva não só é capaz como deseja manter-se viva. Ora, um animal sempre se satisfaz com a representação que tem de si mesmo, por mais feio que ele seja. E essa representação

torna-se mais bem definida (aprimorada) conforme o animal se desenvolve. Essa premissa serve como dado para explicar o motivo pelo qual o bebê tem medo do escuro. Segundo Hieroclés, no escuro, por ser privada sua percepção visual, onde tudo para ela está extinto, a criança teme que ela mesma também vá se extinguir, tal é a relação entre percepção e autopercepção.

Através de um estudo biológico, Hieroclés apresenta a teoria física estoica, segundo a qual um animal (racional ou irracional), no período de gestação, tem sua estrutura composta por *pneûma*¹ (sopro) na forma de *phýsis* (natureza), sendo, por esse motivo, similar a uma semente de planta, cuja nutrição e desenvolvimento se dão de modo natural e espontâneo. Assim que ele nasce, o *pneûma* se torna *psyché* (caracterizada pela propriedade de sensação (*aísthesis*) e impulso (*hormé*). A sensação gera a percepção, que é direcionada simultaneamente a si mesmo e às coisas externas. É a partir dela que ele conhece suas capacidades e incapacidades, o que lhe garante a possibilidade de se proteger contra o ataque de outros animais, por exemplo.

A composição física desses seres é descrita como uma mistura total. Uma conexão íntima (*krasisdiholon*) entre o corpo e a mente (entidades materiais) que possibilita um compartilhamento de reações (*sympatheía*), o que faz com que um afete o outro e vice-versa. É por isso que inflamações em partes do corpo causam delírios ou mesmo obstrução da capacidade imaginativa. Também o corpo é afetado por pesares, medo, raiva, em suma, todas as afecções da alma, nas quais o corpo enrubesce, as pernas tremulam, há emissão de urina, dentes batendo, bloqueio de voz, etc. Essa transferência não ocorreria, acreditam os estoicos, se essas entidades não estivessem misturadas.

A mente também é algo corpóreo (admite toque, resistência, pressão, etc.), embora seja fluida e difusa. E existe em igual proporção em todo o corpo. Ela não está contida no corpo como água em um vaso, mas misturada de maneira similar àquela do ferro incandescente, onde o calor perpassa toda sua extensão. Entretanto, a função da alma é superior à do corpo.

No que diz respeito à partilha de efeitos entre ambos e a noção de *oikeiōsis*, o papiro mantém a teoria do Estoicismo Antigo (Zenão de Cítio e Crisipo). No entanto, quando Hieroclés trata da inferioridade do corpo com relação à mente (alma racional),

¹ “Fogo produtivo que procede sistematicamente para a criação.” Cf. *Stoicorum Veterum Fragmenta*, 2. 806; 1027.

passamos a perceber a influência do estoicismo romano (Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio). Sobre ambos os aspectos, os *Elementos de Ética* apresentam uma discussão inicial da vida e condição dos animais no período de gestação (embriologia), sem deixar de lado uma rica ilustração sobre o comportamento animal. A familiaridade influencia tanto que pode ter implicações éticas (nos animais racionais). Essa influência explica a existência de outros tipos de *oikeíōsis*, tratados em outro trabalho de Hieroclés, a obra *Sobre os Atos Apropriados*, que versa sobre o exame das ações convenientes para com a esposa e filhos, pais, deuses, país, etc.

Tudo com que o animal entra em contato recebe o rótulo de seu ponto de vista. Desejando viver, os animais devem conhecer a si mesmos (sua consciência, que é a sua vigilância em observar sua própria existência), sua constituição própria (e utilidade da mesma) e os objetos externos, para avaliar quais são prejudiciais ou benéficos para si. Graças a isso, o touro, por exemplo, sabe qual parte de seu corpo deve ser usada como arma (confiando nos chifres como se fossem armas nascidas para o combate) e qual parte deve ser defendida. O leão, por exemplo, quando enfrenta uma zebra, está pronto para escapar dos coices de seu adversário e, quando está diante de um touro, preocupa-se com os chifres e desdenha as demais partes. Pelo mesmo motivo os animais evitam os humanos, pois percebem sua inferioridade no que diz respeito à razão. Também os animais que possuem asas são conscientes de sua aptidão para o voo. E nós, ao dirigirmo-nos para um objeto visível, direcionamos nossos olhos ao invés das orelhas. A consciência de suas partes e de seu respectivo uso fornece aos animais a capacidade de usá-las no momento oportuno.

Nos tratado *Sobre os atos Apropriados*, Hieroclés enumera os tipos de *oikeíōsis* relativos aos seres humanos: aquela que olha para si mesma e para a sua constituição (interna), e a que cuida dos outros (externa), e descreve deveres apropriados para cada situação. O primeiro tipo permite a existência do amor próprio e da autopercepção, enquanto o segundo, chamado de *oikeíōsis* social, explica a natureza social dos seres humanos. Esse segundo tipo leva a um tópico importante nesse tratado, que subdivide a *oikeíōsis* em várias classes de relações interpessoais que permitem que reconheçamos o outro como nosso semelhante e familiar. Visando esclarecer esses pontos, o texto é dividido em seções que tratam da maneira de lidar com os diversos campos sociais, dependendo do tipo de *oikeíōsis*.

Essa concepção só é possível graças a um aprofundamento da noção dos *katékonta* (atos convenientes) conectada com uma reavaliação dos indiferentes (*adiáphora*). Essa é uma das características mais importantes da suavização da abordagem do Estoicismo Antigo na ética, cuja rigidez gerava incompatibilidade entre *oikeíōsis* social e a *apátheia*, incompatibilidade apontada já por Antióquio de Ascalon.

Essa suavização, realizada inicialmente por Panécio de Rhodes (185—110/09 a.C) permitiu que estoicos posteriores pudessem sustentar a ideia de que a virtude é suficiente para a felicidade, mas não para a felicidade perfeita, que requer bens materiais. Hieroclés parece participar dessa tendência em suavizar o ideal de *apátheia* de modo a torná-la compatível com a *oikeíōsis* social, dirigida aos semelhantes e que determina ações ou deveres apropriados para com eles.

A *oikeíōsis* é descrita como vários círculos circunscritos, os quais temos um dever e um cuidado específicos a cumprir segundo sua proximidade com o círculo central. Quanto mais próximos do centro, maior é a afinidade e os cuidados que temos para com eles. No centro está localizado o próprio corpo e tudo que é aplicado para seu bem. No círculo seguinte, estão os parentes mais próximos (pais, irmãos, esposa e filhos). Os pais devem ser tratados como “deuses menores”, pois foram responsáveis por nossa existência. Devemos devotar a eles a gratidão por termos sido concebidos e cuidados por eles. No círculo seguinte estão os parentes mais distantes. Segue-se o círculo relacionado à cidade, à tribo, etc. Os círculos se sucedem até chegar ao mais distante, que corresponde a toda a raça humana.

A ordem dos círculos não nos chegou definida com precisão, aparecendo diferentemente nos *Elementos*, nos *Sobre os atos apropriados* e nos fragmentos. O certo é que o corpo é o primeiro e que os deuses têm lugar entre os primeiros. Com relação ao país e aos pais, o texto que nos chegaram nos oferecem diferentes relatos sobre qual desses deve receber a primazia em devoção.

Embora o cuidado e afinidade sejam menores para aqueles que estão nos círculos mais afastados, essa distância pode ser diminuída. Segundo Hieroclés, com esforço e exercícios é possível diminuir a distância de nosso relacionamento com cada pessoa, entre os quais exercícios que permitem que nos coloquemos no lugar do outro e o vejamos como familiar de modo a cuidar dele como o faríamos conosco. Esse “colocar-se no lugar do outro”, diz-nos Ilaria, é o que se quer dizer com *sympatheía* e a aplicação da *oikeíōsis* social de modo completo.

O livro se encerra com extensa bibliografia (trinta e duas páginas) e um índice contendo os principais tópicos discutidos por Hieroclés em seus textos.